

Lembranças do COA e de "O Charão"

Sérgio Almeida
São Carlos - SP

Era muito bom receber em casa o exemplar de "O Charão". E vinha de longe: vinha do Rio Grande do Sul. Trazia as últimas notícias do Clube de Observadores de Aves - COA: as reuniões, as saídas a campo e os relatos dos sócios.

Eram duas folhas tamanho A4, impressas dos dois lados. O pequeno tamanho e a grande avidez na leitura logo se transformavam em gosto de "quero mais" tal a rapidez com que era consumido. Sobravam apenas as insistentes releituras que alimentavam a imaginação e o desejo de que por mágica aparecessem mais textos. E quando viria o outro número? Não se sabia. Como consumidor egoísta eu nem questionava e nem queria saber sobre as dificuldades que se tinha pra fazer aquele boletim.

Eu era um dos sócios do COA. Estava colocado na categoria de sócio correspondente. No "Charão" via as fotos e os relatos das saídas a campo e me sentia exatamente sendo um membro ativo. Eu pensava: aquilo devia ter no Brasil inteiro. Mas naquele tempo poucas pessoas se interessavam por coisas do meio ambiente e muito menos observar aves. Quem fazia isso era considerado literalmente um "ponto fora da curva".

Mas com "O Charão" já parecia que a gente era alguma coisa e, embora ser bom observador de aves requiera a princípio um sólido esforço individual que ainda eu não desenvolvia, aquele boletim era o testemunho material de que eu pertencia a um grupo de pessoas que tinham, pelo menos, gostos semelhantes. E no Brasil chegamos a ser mais de mil, escondidos nas mais diferentes regiões, e que eram achados pelo eficaz serviço de correio.

Naquela época observar aves não era fácil, pelo menos para mim: sobrava entusiasmo e faltava dinheiro. Trabalhava dia e noite e só se via alguma ave prestando muita atenção, seja ao redor da residência, jardins públicos ou passeios pelo campo; e tudo era feito sem binóculo e livros específicos. É nesse contexto que "O Charão" era importante pra mim. Acho que o mesmo ocorria com a maior parte dos associados.

Soube da existência do Clube de Observadores de Aves do Rio Grande do Sul, COA, porque nos anos 70 criava canários e assinava uma revista do Rio de Janeiro chamada "O Canarinho". O editor era o Sr. José do Egypcio Lima. Lá havia muitos artigos interessantes que ajudaram a muitos naqueles tempos de pobres informações na área. Um desses artigos havia sido escrito por Otávio Salles, de Jacutinga, MG, que referia ser sócio do COA. Também cito como curiosidade, o fato de lá ter visto escritos de Pedro Salviano Filho, editor desta revista, onde manifestava sua paixão por ver artigos sobre aves espalhados pelo mundo. Quando "O Canarinho" terminou por falta de saúde financeira, foi dali que o Salviano obteve boa parte dos primeiros assinantes para o jornal Atualidades Ornitológicas, que se iniciou em 1984 e que recentemente transformou-se nesta revista que o caro leitor está fazendo uso.

Voltemos agora ao "O Charão". Imagino a dificuldade em se fazer o boletim num tempo sem computador pessoal, sem câmeras digitais, sem



O Charão nº 12

recursos de impressão como os de hoje e, sobretudo, com pouco dinheiro, porque a contribuição dos sócios não era tanto assim. E ainda tinha que mandar pelo correio. Precisava ter muito gosto pela coisa. Que ânimo!...

Também imagino como devia ser difícil incentivar os sócios a obterem livros e binóculos num tempo em que era pouca a quantidade de produtos disponíveis e difícil a importação. Para se ter uma idéia, o livro do Sr. Dalgas Frisch, Aves Brasileiras - volume 1, que funcionou como guia de campo pra muita gente, era anunciado como lançamento em "O Canarinho" só no segundo semestre de 1982. Interessante é que, apesar de não ser muito elevado o número de espécies que o pai dele conseguiu desenhar, o livro era de muito bom material e agüentava o tranco do campo. Só recentemente o referido autor lançou uma obra mais completa.

As imagens de cinema, então, eram raríssimas. Alguns profissionais de cinema operavam câmeras de 16 mm. O sistema super 8 dava muito trabalho e pouco resultado, pois faltavam teleobjetivas, havia dificuldades para adicionar o som, além de ter que mandar revelar na capital e esperar um "montão" de dias para fazer uma edição caseira. E não se podia errar na gravação: eram só quatro minutos. Naqueles anos começava-se a falar de um sistema caseiro em que fitas magnéticas eram usadas para gerar imagens, o *video-tape*.

Durante os anos em que recebi "O Charão" fui entendendo melhor o funcionamento do COA; até passei até a ser um sócio mais consciente e não só um devorador do folheto. Na época, como professor de Ciências, divulguei o folheto em escolas e formamos o nosso grupo de observadores no Centro de Divulgação Científica e Cultural na USP, campus de São Carlos, que durou um bom tempo, mas que minguou justamente por coisas que hoje percebo nas conversas sobre turismo de observação de aves: dificuldades no deslocamento de pessoas, pousada e, sobretudo, segurança, já que a maioria era adolescente, e mesmo com autorização dos pais, faltava dinheiro para soro antiofídico e primeiros socorros. Através dessa vivência como líder de um grupo de adolescentes observadores de aves é que comecei a valorizar o esforço do pessoal que montou o COA lá no RS.

Recentemente, incentivado por Maria A. C. Pivatto e José Sabino, a quem eu falara da existência de "O Charão", fui pesquisar como estava o COA-RS.

Remexi minhas coisas, encontrei alguns nomes e duvidando até que as pessoas ainda estivessem disponíveis procurei a Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul, um dos pontos de partida do Clube. Tive a felicidade de encontrar o nome do Sr. Walter A. Voss, que foi o primeiro secretário do COA na primeira diretoria. Ao telefone revelou-se uma pessoa bastante agradável e desprendida que prontamente se entusiasmou com meus objetivos, disponibilizando grande parte do material apresentado neste artigo. Agradável e produtivo também foi o contato com o Sr. Pedro Scherer Neto com as informações sobre sua experiência à frente do COA-PR e do COA-Nacional.

Hoje mantenho contato com o Sr. Walter e sinto a satisfação dele em falar sobre as atividades do clube, recorrendo a muitos recortes de jornais locais que davam espaço para a nova atividade. As atas da fundação e das primeiras reuniões mostradas por ele expressam com galhardia os propósitos e o empenho da diretoria no crescimento da estrutura naquela época.

O Sr. Voss lembra como tudo começou referindo-se à personalidade dinâmica do Sr. William "Bill" Belton, que atuou primeiro como cônsul dos EUA no Brasil, residindo em Porto Alegre, RS, de 1946 a 1948. Cita que Belton, após ter-se aposentado, retornou ao Brasil em 1970 para morar em Gramado, RS, tornando realidade o seu sonho de atuar como observador de aves. Consta que, com uma Rural Willis, um *trailer* e um auxiliar, esquadrinhou os mais de 280.000 km² do Estado para fazer um inventário completo da avifauna encontrada.

Para estimular o interesse pela ornitologia de campo organizou e ministrou o primeiro "Curso de extensão", em São Leopoldo, RS, patrociniado pela



"O Charão" - Comemoração dia da ave - 05.10.81. Ao centro o Governador do RS José A. de Amaral de Souza junto a Flávio Silva. À direita o Dr. Augusto Ruschi

nado pela Universidade do Vale dos Sinos - UNISINOS, em 1972.

Em 1974, uma segunda edição do curso foi realizada e ministrada por Flávio Silva, com participação do Sr. Walter Voss, alunos da primeira edição. O fato relevante foi a criação do Clube de Observadores de Aves do Rio Grande do Sul (COA) no final do curso, em 11 de novembro, e do qual Belton foi o mentor.

Ainda em relação à Belton, Voss salienta que ele também ministrou em 1978 um curso inaugural para o recém criado CEMAVE - Centro de Estudos de Migração de Aves, em Brasília, e que também foi importante a sua influência na escolha das Reservas Ecológicas de Aracuri, Taim e Lagoa dos Peixes, RS, a convite do então Secretário do Meio Ambiente, Dr. Paulo Nogueira Neto.

Após a fundação no Rio Grande do Sul do COA seguiu-se a fase de estruturação e crescimento. Através dos meios de comunicação os objetivos e conceitos do clube eram propagados atraindo novos associados de todo Estado. Existiam dois tipos de sócios: os ativos e os cadetes (menores de 10 a 18 anos) que contribuíam com valores anuais diferenciados.

As atividades atingiam o seu maior sentido nas excursões em grupo em que, munidos de binóculos, raros exemplares de livros com ilustrações de aves e a experiência de alguns líderes, se fortalecia o gosto pela observação de aves.

Com o crescimento do clube surgiram também os sócios correspondentes que espalhados por localidades cada vez mais distantes do RS, ficavam a par das atividades, comungavam dos mesmos princípios e divulgavam mais a atividade.

Como os sócios correspondentes não podiam ir com facilidade ao RS, a conseqüência natural foi se reunirem em suas regiões de origem para trocar idéias mais diretamente e programarem as saídas a campo em conjunto. Daí surgiram os núcleos estaduais que prosperaram conformes as lideranças e condições locais, coordenados pelo COA-Nacional, estruturado em função do crescimento da entidade.

O primeiro presidente do COA-Nacional foi o Sr. Pedro Scherer Neto, em 1984, que antes disso era o delegado do COA-Paraná, núcleo estadual que mais havia prosperado.

Com o passar do tempo a atividade cresceu no país, mas a pouca contribuição financeira, entre outras causas, inviabilizou a continuidade, primeiramente do boletim "O Charão" que foi publicado até o nº 17, em 1992 (já em forma de livreto e com 24 páginas), depois o COA-Nacional e finalmente o próprio COA-RS em 1996, passando para o estado de dormência nos dias de hoje, como salienta o Sr. Voss. Restam vários núcleos estaduais funcionando de maneira independente.

Não há espaço físico para contar as numerosas, belas e importantes atividades desenvolvidas pelo COA-RS e COA-Nacional. Vale ressaltar, no entanto que deste grupo de pessoas, saíram excelentes ornitólogos que hoje estão em atividade e também a destacada participação de fotógrafos de Natureza, como Haroldo Palo Júnior e Luiz Cláudio Marigo.

A criação e manutenção do Clube refletiram a cultura local, em que pessoas não ficaram inertes frente ao espetáculo da natureza, que oferecia de graça tanta coisa a ser conhecida e protegida. Saíram a campo e espalharam o exemplo que foi seguido em várias regiões do país.



Essa imagem (de autoria de Maria Alice B. Fallavena) é um documento que ilustra um marco na Ornitologia paranaense: o "1º Curso para Observadores de Aves" realizado entre 11 e 16 de janeiro de 1982. No close, captado na Fazenda Experimental da UFPR em São João do Triunfo, PR (14/II/1982), estão: Flávio Silva (autor do "Mamíferos silvestres do Rio Grande do Sul, atualmente empresário); Adelinnyr de Azevedo Moura Cordeiro, a Tota (hoje bióloga da Secretaria Municipal de Saúde); Fernando Costa Straube (da Milleriana e da ROP); Suzana Maria Cordeiro (hoje Trebien, atual diretora da FATMA em Florianópolis); Beloni Terezinha Pauli (hoje Marterer, bióloga da FATMA, autora do "Avifauna do Morro do Baú"); Clóvis Ricardo Schrappe Borges (diretor-executivo da SPVS, em Curitiba); Pedro Scherer Neto (pesquisador do Museu de História Natural Capão da Imbuia); Astrid "Pingo" Richter (atualmente em Minas Gerais, sem relação com a Biologia); Claudia Maria Boeing (bióloga, em Florianópolis); Marcio Luiz Bittencourt (biólogo, empresário, diretor da BioLógica); Siumar Goetzke (biólogo do DER, estudioso de Fitosociologia); Ana Verônica Cimardi (bióloga da FATMA, autora do "Mamíferos de Santa Catarina"); Maria Tereza Fallavena; Erasto Villa Branco-Jr. (professor da cadeira de Evolução da UFPR); Jorge Alberto Müller (engenheiro florestal da Artex, em Blumenau ainda ativo na Ornitologia); Luiz dos Anjos (professor da UEL, editor da Ararajuba); e Ricardo "Zig" Koch Cavalcanti (fotógrafo de natureza de primeira linha, com imagens divulgadas por todo o mundo).

A atividade de observação de aves continua a crescer hoje em dia impulsionada por novas seções. A forma de expressão e de aglutinamento das energias e interesses é que mudou. Hoje há muito mais tecnologia, mais livros e revistas, melhores aparelhos para observação, o interesse pelo ecoturismo, mais pessoas que se educam para este fim específico, além dos grupos de discussão via internet. Tempos diferentes que requerem formas de expressão diferentes. Formas ampliadas de expressar a cultura que fez nascer o COA-RS e o COA-Nacional, e noticiada alegremente através de "O Charão".

Nesse trabalho de pesquisa sobre o COA e "O Charão" soube que um trabalho mais amplo e documentado está sendo iniciado pelo Sr. Walter Voss. Como jornalista e divulgador de Ciência, especialmente da área de Ornitologia, poderá trazer a nós o relato das suas vivências, o seu testemunho, resgatando o que for possível de tudo que se desenvolveu na época.



"O Charão" - foto da fundação do núcleo fluminense - 05.01.85

Assim como eu fiz neste artigo, resgatando *flashes* daquilo que foi apreendido, armazenado e recuperado conforme a minha subjetividade, ele construirá um texto fundamentado que certamente terá uma bela reinterpretação na mente do leitor, expressando todo o empenho da gente daquela época.

Isso preencherá uma lacuna causada pela falta de memória que insistentemente é praticada em nossas manifestações culturais e que, em última instância, expressa e contribui para o nosso subdesenvolvimento.

Tão importante quanto o ter o que contar é o ato de contar, em desuso crescente, seja em nossa família como em nossas instituições. O relato de nossas vivências é um recurso importante para a expressão e determinação dos valores culturais a serem transmitidos aos mais novos.

Por isso tudo é que desejo sucesso nesse trabalho do Sr. Walter para que sua memória una-se a uma porção de lembranças espalhadas por nossa terra e se fixe concretamente como nossa história.



"O Charão" - Participantes do Curso de Observações de Aves em Santa Catarina de 12 a 17.07.82

Curso de Observação de Aves promovido pelo COA, Fundação Cultural de Curitiba e Prefeitura Municipal de Curitiba - www.ao.com.br/rop5.htm

Assessoria de Imprensa do Palácio Piratini

Jornal O GLOBO

Márcia R. Gonçalves